

Sobre a visão redutora da literacia digital

Manuel Pinto

Pergunto-me – e a pergunta não é de agora – porque há tão pouca sensibilidade e acção (pedagógica, política, cultural) em torno da chamada literacia mediática.

Continuamos a entender que ser "alfabetizado" é saber ler, escrever e contar, numa era em que o mundo e a vida se conjugam e representam, cada vez mais, mediante combinações de zeros e uns. Coisa aparentemente simples, essa da 'revolução digital', mas que está a transformar aceleradamente não apenas esse mesmo mundo, mas os modos como o vemos e com ele nos relacionamos.

É interessante como, apanhando a boleia da moda (a 'carona', diria a minha amiga Nilda Alves), alguns governos, industriais da informática e técnicos de várias proveniências assimilaram o conceito da 'literacia digital'. O que seria preocupação excelente, se tal conceito não fosse tão frequentemente reduzido à sua vertente tecnicista, facilmente derivável para mero adestramento (que o mercado exige, para que o *hardware* e os numerosos *gadgets* encontrem mais facilmente clientela).

Esta 'deriva tecnológica', ou apenas técnica, constitui, porém, o lado menos relevante do ponto de vista da cultura e da cidadania. Pela razão simples de que, no meu modo de ver, uma vez garantido o acesso de todos às ferramentas e às redes, a dificuldade maior não será o saber usar. Pelo menos para as gerações mais novas. Nesse terreno, as crianças e jovens dão cartas. Desinibidos face às máquinas, sem receios de explorar os seus recantos, sequiosos de dominar todos os truques, rapidamente se tornarão exímios utilizadores (ajudando, é verdade, quem saiba mais e os apoie nessa descoberta). Mas bastará isso?

A insistência numa literacia digital assim amputada poderá até não passar de biombo que não deixa espaço nem ocasião para as dimensões

que de facto contam em tal processo: os porquês, os comos e os para quês.

Promover a literacia digital não deveria implicar descentramento face às tecnologias e aos artefactos, para fazer deles matéria de inquirição? (De onde vêm? Porque são assim e não assado? Que possibilidades abrem e que caminhos fecham? Para onde me levam e para onde quero eu ir?)

Promover a literacia digital não deveria ser um itinerário que me ajudasse a ler o mundo e a permanentemente indagar o sentido das coisas, das situações, das relações? A encontrar-me e a encontrar outros, num 'oceano' de sinais, de solicitações, de dados, de possibilidades, de alçapões? A distinguir e ponderar o que vale do que é lixo?

Promover a literacia digital não poderia e deveria ser uma permanente iniciação à tomada da palavra, à capacidade de escuta atenta e crítica, de resposta aos apelos próximos e distantes, de iniciativa face às questões do quotidiano e aos dramas do planeta?

Num documento de 2006, intitulado *Confronting the Challenges of Participatory Culture: Media Education for the 21st Century*, Henry Jenkins, do conhecido MIT (Massachusetts Institute of Technology)*, desloca os grandes desafios da educação para os media do plano estritamente tecnológico para o das oportunidades de participação e para o das competências sociais e culturais absolutamente necessárias para viver (e não apenas sobreviver) no mundo que estamos a criar. Este é um texto que merecia ser traduzido, divulgado e debatido, porque desenvolve programaticamente não só as características, mas também os passos que poderiam ser dados para o desenvolvimento de uma literacia mediática e digital que não tenha por foco apenas uma dimensão individual, mas também comunitária. Ela exige competências técnicas, certamente. Mas supõe, pelo menos com igual dignidade, o investimento nas competências no plano da cultura da participação e das redes.

Este é um desafio (uma 'música, diria') que muitos não gostam de ouvir. Porque acham que só empata e não garante outro tipo de

dividendos que não sejam essas dimensões intangíveis - para eles, bagatelas ou mesmo risco - do crescimento e autonomização individuais e da capacidade de ser solidário e participativo na vida e na sociedade.

Publicado no Jornal A página da Educação/Pt/Porto, ano 16, nº 170, Agosto/Setembro 2007, p. 2.

REFERÊNCIAS

- Busca pelo título dará fácil acesso ao texto integral, disponível em vários sítios da web.

sobre o(a) autor(a):

Manuel Pinto – Universidade do Minho